



XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024

FAEC/UECE - CRATEÚS

## HISTÓRIA GLOBAL E MOVIMENTOS HOMOSSEXUAIS: UM DEBATE SOBRE CONEXÕES E CONTEXTOS

Maria Beatriz Silva Duarte<sup>1</sup>

Bruno Wellington Rodrigues da Silva<sup>2</sup>

### Resumo:

O presente trabalho busca estabelecer uma conexão entre a História Global e os Movimentos Homossexuais, pois identifica-se a necessidade de ampliar os debates sobre essa temática que desbrava um novo espaço de ocupação. Trataremos sobre contexto de Guerra Fria e o mundo dividido em dois blocos, capitalista e socialista, nos quais ambos rejeitavam, desaprovavam e criticavam os movimentos de diversidade sexual despontantes nesse período, jogando-os para o centro, os comprimindo e sufocando. Para os capitalistas, a homossexualidade era um sintoma socialista de decadência sexual e social. Para os socialistas os movimentos homossexuais eram a degeneração da sexualidade e da sociedade trazida pela burguesia capitalista. Ao dedicarmos um olhar sobre o Brasil, esse contexto mundial reflete imediatamente na Ditadura brasileira, onde se escreve um capítulo na história sobre repressão, violência e criminalização da diversidade de gênero e sexualidade, especialmente após a resolução do Ato Institucional nº 5. Usamos Júnior e Sochaczewski (2017) para entender os deslocamentos teórico-metodológicos da História Global, sempre visando conectar, comparar, conceituar e contextualizar. Para estabelecer o vínculo com os movimentos homossexuais requeremos a Santos, Santos e Silva (2021) onde nos direcionam aos debates emergentes na temática, qualificando e afirmando as potencialidades teórico-metodológicas desse objeto. Diante disso, propomos fazer uma conexão entre os âmbitos mundial e nacional direcionado aos movimentos homossexuais brasileiros em contexto de Guerra Fria e polarização em blocos. Quando nos voltamos para uma abordagem mais global, abrimos margem a análises mais profundas sobre a história humana, pois diante de tentativas eurocêntricas, nacionalizantes e hegemônicas da historiografia encontramos experiências acobertadas e omitidas.

**Palavras-chave:** História Global; Movimentos Homossexuais; Ditadura Brasileira.

<sup>1</sup>Mestranda, Universidade Estadual do Ceará (UECE), Programa de Pós-Graduação em História, Culturas e Espacialidades (PPGHCE), bia.duarte@aluno.uece.br.

<sup>2</sup> Mestrando, Universidade Estadual do Ceará (UECE), Programa de Pós-Graduação em História, Culturas e Espacialidades (PPGHCE), bruno.wellington@aluno.uece.br.



## XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024

FAEC/UECE - CRATEÚS

A canção *Fora da Ordem*, de Caetano Veloso, composta em 1991, reflete sobre um período de intensas mudanças políticas, sociais e culturais no Brasil e no mundo. Em um trecho específico, o eu lírico da canção faz referência aos michês<sup>3</sup> que frequentavam o Parque Trianon, em São Paulo, quando diz: “[...] Cuspo chicletes do ódio no esgoto do Leblon/mas retribuo a piscadela do garoto de frete do Trianon/ Eu sei o que é bom [...].” Esses indivíduos, cuja presença nas noites paulistanas era expressiva, foram alvos de uma série de crimes no final da década de 1980, conforme descrito por Roldão Arruda em sua obra *Dias de Ira* publicada em 2001 pela Editora Globo.

Esse autor narra uma série de assassinatos cometidos contra homens homossexuais que frequentavam o Trianon em busca de parceiros sexuais. Esses crimes, que chocaram a comunidade e revelam aspectos mais profundos sobre as interações sociais entre os indivíduos e os espaços de sociabilidade que frequentavam. Esses locais, por sua vez, chamavam a atenção das autoridades policiais e eram alvos de violência.

No contexto da Ditadura Militar brasileira, essas investidas do ódio, se intensificaram exponencialmente. Neste trabalho buscaremos investigar como esses processos de repressão e controle social foram legitimados pelo discurso da moral e dos bons costumes<sup>4</sup>. Para isso, recorremos à categoria de gênero, entendida como ferramenta de análise historiográfica, conforme proposta por Joan Scott (1995), e colaborara para entender a dimensão do horizonte de análise. A abordagem de gênero permite uma crítica profunda aos conceitos tradicionais da ciência histórica, abrindo espaço para novas

<sup>3</sup> “Termo usado para denominar homens que se prostituem, especialmente no meio masculino, mas sem perder a aparência, os modos, o discurso viril” (ARRUDA, 2001, p.21). Michê é apenas uma das nomenclaturas dadas a homens, mulheres, trans e travestis que viviam na noite das cidades. Em Fortaleza, por exemplo, os rapazes da noite eram conhecidos como “bonecas”, ou seja, “aqueles homossexuais que assumiam, na relação amorosa e sexual com os bofes, certo lugar do feminino” (VERAS, 2019, p.48).

<sup>4</sup> Essa designação é usada por Quinalha (2021) em seu celebre livro *Contra a Moral e os Bons Costumes: a Ditadura e a repressão a comunidade LGBT*, que se utiliza de fontes para narrar as violências e repressão policial que acometia essa população nas suas diferentes siglas, contextos e regiões do país. No livro o autor fala que “Apesar da ausência de legislação expressa criminalizando orientações sexuais não normativas, diversos outros tipos penais foram abundantemente mobilizados para enquadrar os homossexuais e coibir sua expressão pública. Vadiagem, atentado público ao pudor, corrupção de menores, violação da moral e dos bons costumes, furtos e roubos ou uso de drogas foram alguns dos dispositivos utilizados para instrumentalizar o direito e realizar o controle legal desses grupos, geralmente jogados em um submundo associado a diversos tipos de contravenções e crimes morais ou patrimoniais. A prática policial criminalizava, assim, as condutas que a legislação não definia como delitos penais” (p.43).



## XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024

FAEC/UECE - CRATEÚS

perspectivas e formas de interpretar os processos sociais e culturais que moldam as experiencias lésbicas, gays, bissexuais, trans e travestis (LGBT<sup>5</sup>).

A antropologia e a sociologia foram pioneiras nas discussões de temas relacionados as experiências trans, obrigando-nos a fazer uma incômoda pergunta: por que os/as historiadores/as se dedicaram tão timidamente ao estudo das experiências homossexuais e trans? Qualquer familiaridade com a pergunta feita nos anos 1980 por Maria Odila Leite da Silva Dias (O que tornava difícil a escrita de uma história das mulheres era a ausência de fontes ou a invisibilidade ideológica destas?), e lembrada por Joana Maria Pedro, não é mera coincidência. [...] Esse cenário de invisibilidade está se transformando. O levantamento dos estudos produzidos nos últimos anos no campo da história sobre as “sexualidades periféricas” – para evocar Foucault – aponta para a relação entre essa temática e a história das mulheres e das relações de gênero. Ou seja, do mesmo modo que a invenção do gênero como categoria útil de análise histórica contribuiu para reflexão sobre as mulheres na escrita da história, ela também foi importante para o recente interesse dos/as historiadores/as pelas experiências de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) (VERAS, 2019, p. 32-33)

Nos últimos anos, a historiografia sobre gênero e sexualidade tem avançado, e há um crescente interesse das pesquisas em estudos queer, subjetividades das diferentes sexualidades, estudo sobre o corpo como agente social e a relatividade do gênero. Contudo, necessitamos sempre expandir o escopo desses estudos e garantir que a história seja devidamente reconhecida e estudada dentro da historiografia global, nacional e regional. Assim, visamos contribuir para o fortalecimento dessa discussão, particularmente no contexto estadual, destacando a importância da inclusão dessas vivencias de gênero e sexualidade nas narrativas históricas do Ceará.

### Movimentos homossexuais e as conexões globais e implicações no Brasil ditatorial

A jornada que culmina na construção da identidade homossexual remonta ao final do século XIX, um período marcado pela transição no entendimento das expressões sexuais, agora inseridas em um discurso médico-científico, fortemente influenciado pelos

<sup>5</sup> Usaremos a sigla LGBT em algumas linhas deste trabalho por uma questão temporal, já que nos anos 1970 e 1980 as outras siglas ainda não estavam incorporadas. Em algumas fontes e referências podemos ver comumente a sigla GLS (gays, lésbicas e simpatizantes) se apresentar, porém, para este trabalho optamos pela primeira por incorporar outros grupos presentes em nossas fontes, como é o caso de pessoas trans e travestis.



## XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024

FAEC/UECE - CRATEÚS

preceitos positivistas de racionalidade. Nesse contexto, o campo da sexualidade sofreu uma mudança significativa, afastando-se de uma concepção religiosa que associava práticas sexuais ao pecado ou à condenação eterna. Ao invés disso, as expressões性uais passaram a ser vistas como distúrbios mentais e hormônios, culminando na patologização das sexualidades. Assim, a identidade homossexual foi concebida inicialmente sob o viés de uma doença (Quinalha, 2023).

O processo de consolidação das identidades性uais também implicou uma ressignificação das antigas relações sociais, agora moldados pelo capitalismo industrial. Este novo modelo social oferecia aos indivíduos uma vida de anonimato e a possibilidade de explorar a intimidade nas grandes cidades, que já apresentavam um desenvolvimento urbano expressivo. A ascensão do individualismo se tornou um marco central, pois as pessoas se distanciavam das estruturas familiares e religiosas das pequenas comunidades tradicionais.

De fato, foi o capitalismo que deu origem à individualidade moderna e às condições para que as pessoas tenham vidas íntimas com base no desejo pessoal, uma ruptura histórica em relação ao poder da igreja e da comunidade feudais, que antes organizavam os casamentos (Wolf, 2021, p. 38).

A concepção de individualidade, conforme abordada por Bauman (2009), é particularmente relevante para entender esse fenômeno. Ele argumenta que a Era Moderna foi marcada por duas grandes reformas nos modos de relacionamento, impulsionadas pela insegurança e os perigos que caracterizavam o período. A primeira delas foi a supervvalorização do indivíduo, que se libertou das amarras sociais e das dependências tradicionais. A segunda reforma trata da fragilidade inerente aos indivíduos em sua especificidade, anteriormente assegurada pelos vínculos sociais. No caso das pessoas homossexuais, essa busca pela individualidade, ao se libertarem dos laços conservadores do ambiente familiar, foi um passo crucial para a criação de suas identidades. Posteriormente, encontraram nos espaços urbanos um ambiente propício para se conectar com outros indivíduos semelhantes.

Desenvolvemos essas questões com maior profundidade, porém, antes, é necessário abordar a relação entre espaço e lugar. Recorrendo a teoria de Milton Santos



## XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024

FAEC/UECE - CRATEÚS

(2013), compreendemos que o lugar e o cotidiano, enquanto quinta dimensão do espaço<sup>6</sup>, proporcionam uma imbricação entre tempo e espaço, os quais passam a ser permeados por uma diversidade e multiplicidade de perspectivas. Dessa forma, o espaço, independentemente de sua configuração específica, configura-se como um meio de ação para a liberdade.

Na verdade, o tempo e o espaço não se tornaram vazios ou fantasmagóricos como pensou A. Giddens mas, ao contrário, por meio do lugar e do cotidiano, o tempo e o espaço, que contêm a variedade das coisas e das ações, também incluem a multiplicidade infinita de perspectivas. Basta não considerar o espaço como simples materialidade, isto é, o domínio da necessidade, mas como teatro obrigatório da ação, isto é, o domínio da liberdade (SANTOS, 2013, p.17).

Partindo dessa premissa, pode-se afirmar, conforme indicado, que o ambiente urbano desempenhou um papel fundamental na promoção da liberdade identitária e sexual de inúmeros indivíduos. A concentração de novas formas de interpretação das semelhanças nas diferenças, permitiu o surgimento de uma coletividade. Tal fenômeno facilitou o desenvolvimento de uma subcultura, caracterizada por sua resistência e pelo fortalecimento de novas maneiras de compreender e experienciar a condição humana.

O palco privilegiado para essas disputas foram as grandes cidades. O avanço do capitalismo e do processo de urbanização pós-revolução industrial aglutinou contingentes enormes de pessoas em um mesmo território. Isto permitiu, junto ao processo de identificação acima apontado, a construção de uma subcultura LGBTI+ como lócus de liberação que valida experiências individuais, lança as bases de uma rede coletiva de códigos e significados compartilhados e tensiona com noções tradicionais de sexualidade. Há, portanto, o fortalecimento de uma resistência à cultura hegemônica e heteronormativa. Uma coisa é ter um desejo sexual fora da norma; outra é realizar esse desejo por práticas sexuais concretas com outras pessoas; outra, ainda, é construir uma identificação – individual e coletiva – a partir desse desejo que permite uma organização pela mudança da realidade. Este é o caminho do ativismo que percorreremos a partir daqui (QUINALHA, 2023, p.47).

<sup>6</sup> Nas palavras do autor Santos (2013): “O espaço ganhou uma nova dimensão: a espessura, a profundidade do acontecer, graças ao número e diversidade enormes dos objetos, isto é, fixos, de que, hoje, é formado e ao número exponencial de ações, isto é, fluxos, que o atravessam. Essa é uma nova dimensão do espaço, uma verdadeira quinta dimensão.” (p.17).



## XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024

FAEC/UECE - CRATEÚS

Ademais, é imperativo destacar, ainda que de forma breve, os impactos do imperialismo ocidental sobre a construção das sexualidades em diferentes países e culturas. Sob essa perspectiva, observa-se a convergência entre religião e direito, que se uniram para regular as sexualidades conforme seus preceitos, definindo-as “ora como pecado, ora como crime” (Quinalha, 2023, p.49).

O imperialismo ocidental significou a imposição de uma determinada ordem de gênero, sexualidade e raça, conjugando três temas centrais: “a transmissão do poder masculino branco através do controle das mulheres colonizadas; o surgimento de uma nova ordem global de conhecimento cultural; e o comando imperial do capital mercantil” (Mcclintock, 2010, p.15) (Quinalha, 2023, p.49).

Dessa forma, tais instituições normatizaram e estabeleceram padrões que controlavam tanto a vida íntima quanto a vida pública de indivíduos e grupos sociais. Em contrapartida a esse controle normativo, observou-se, em várias cidades europeias no final do século XIX e inicio do XX, o surgimento de zonas de desenvolvimento cultural e intelectual que proporcionaram a homens e mulheres a criação de espaços de encontro. Tais espaços incluíam bares, boates, parques, praças e ruas, que passaram a funcionar como locais de aproximação entre indivíduos do mesmo sexo. Berlim, em particular, destacou-se como o epicentro desse movimento de apropriação dos espaços públicos por pessoas LGBT.

Gays e lésbicas inventaram maneiras de se encontrarem e, no começo do século xx, praticamente todas as grandes cidades estadunidenses e europeias - e algumas cidades pequenas - tinham bares ou lugares públicos onde os gays podiam se encontrar. Berlim era o centro global da subcultura gay, com centenas de bares e cafés que serviam a uma ampla clientela homossexual até o começo dos anos trinta, quando a ascensão do nazismo destruiu as vidas e a cultura gays (Wolf, 2021, p. 69).

Embora a Alemanha da época fosse profundamente conservadora, Berlim despontou como um território urbano e culturalmente desenvolvido, onde se geraram locais de sociabilidade que permitiam a interação sexual e afetiva entre pessoas do mesmo sexo (Quinalha, 2023). Esse cenário reforça a importância das cidades como refúgios para grupos e indivíduos LGBT. É crucial ressaltarmos o desequilíbrio de gênero presente nesses espaços, onde locais destinados a homens e seus companheiros eram relativamente



## XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024

FAEC/UECE - CRATEÚS

comuns, enquanto os espaços voltados a mulheres e suas parceiras eram escassos. Historicamente, as mulheres foram tratadas como inferiores aos homens, inclusive no campo da sexualidade, uma vez que a independência financeira e a participação nos espaços públicos lhes garantiram menos oportunidade de buscar compreender suas sexualidades dissidentes (Wolf, 2021).

Adentrando no século XX, o pano de fundo é o contexto mundial de polarização entre os blocos capitalistas e comunista, caracterizando o período da Guerra Fria. Nesse cenário, o discurso dirigido à população homossexual foi moldado por diferentes ideologias. No bloco comunista, a homossexualidade era vista como degeneração associada a uma sociedade corrompida pela burguesia capitalista, resultando na abominação da diversidade sexual. Por outro lado, no bloco capitalista, o discurso descrevia a homossexualidade como uma subversão sexual, uma depravação e degeneração do gênero, atribuída, naturalmente, ao comunismo.

Portanto, quando consideramos tal situação comum e trazemos para a questão da sexualidade, duas retóricas se sobressaem: a homossexualidade como produto da decadência capitalista - para o regime da RDA - e a homossexualidade como símbolo da ameaça comunista no Brasil [...] Já a ditadura civil-militar brasileira também não inventou uma associação da homossexualidade com as forças opositoras - nesse caso, os comunistas - mas também herdou e instrumentalizou um discurso datado pelo menos desde a época do Integralismo, produzindo um laço entre expressões de homossexualidade e o perigo da subversão (COWAN, 2014). Essa correlação não estava presente apenas nos discursos dos órgãos censores, mas era também visível entre os próprios apoiadores civis do regime, os quais conseguiam traçar como objetivo inicial da subversão um ataque - do qual a homossexualidade era parte - à ‘família brasileira’ (FICO, 2002) (SANTOS, SANTOS, SILVA, 2012, p. 196-197).

Esse discurso gerou um clima de terror e medo generalizado, não apenas no âmbito das questões de gênero e sexualidade, mas também em relação a falência econômica, a insegurança diante da ameaça comunista e a perda de poder político. Essa ampla discussão inseriu o Brasil em um intenso debate sobre o combate ao comunismo, especialmente quando o discurso do “terror vermelho” foi utilizado para justificar a campanha militar em favor da tomada do poder. Contudo, as raízes dessa propaganda anticomunista remontam à década de 1930, quando a esquerda revolucionária tentou



## XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024

FAEC/UECE - CRATEÚS

derrubar Getúlio Vargas, resultando em um fracasso respondido com violência pelo Estado. Esse embate fomentou uma forte campanha de repressão, consolidando a luta contra o comunismo no Brasil.

É importante destacar que os discursos anticomunistas se apropriam de uma tradição presente no Brasil desde o início do século XX. O anticomunismo se consolidou no país na década de 1930, na sequência da insurreição revolucionária de novembro de 1935, que a memória oficial nomeou “Intentona Comunista”. Essa tentativa fracassada da esquerda (liderada por comunistas, mas com participação de pessoas sem militância também) provocou resposta violenta do Estado e dos setores sociais dominantes, que capricharam na repressão e na propaganda. Naquele contexto, foram criados (ou ampliados) aparatos legislativos e policiais que serviram para reprimir não apenas os militantes de esquerda, mas todo tipo de movimento social e liderança progressista. (Motta, 2021, p. 22)

Na Ditadura militar, o controle sobre a censura se intensificou, sobretudo após o Ato Institucional nº5, em 1968, que impôs rígidos controles aos meios de comunicação. Nas relações pessoais, a expressão política, social, cultural e pautas relacionadas às minorias. O objetivo principal era a proteção de uma idealização da segurança nacional contra supostos inimigos internos, que eram definidos por intersecções entre a política e moralidade (Quinalha, 2023). Foi nesse contexto que surgiram os mecanismos de violência, repressão e controle moral direcionados aos grupos LGBT, especialmente nos espaços urbanos após o golpe.

A repressão policial nas ruas foi a face mais visível da violência que se abateu contra homossexuais, travestis e prostitutas nos grandes centros urbanos. No período da ditadura, pontos de sociabilidade e de diversão frequentados por homens que desejavam outros homens e mulheres que buscavam outras mulheres não sofreram apenas monitoramento intensificado. Essas pessoas eram constantemente assediadas por batidas policiais seguidas de prisões arbitrárias, pela prática das mais diversas formas de torturas física e psicológica, pela extorsão e por outros métodos de violação de direitos humanos de uma população já marginalizada (Quinalha, 2021, p. 41).

Embora entre 1979 e 1985 representasse um momento de distensão do regime, a repressão e a violência contra minorias continuaram a existir. Os locais de sociabilidade das sexualidades dissidentes frequentemente eram invadidos por batidas policiais ou passavam por processo de “saneamento” dos espaços públicos, visando coibir tais relações. Em Fortaleza a Praça do Ferreira representa esse local de sociabilidade e



## XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024

FAEC/UECE - CRATEÚS

relações entre as sexualidade, portanto espaço sujeito a demando do “limpar” o local de práticas consideradas contrárias a moralidade vigente.

Em sua mais recente obra, Farias (2024), discorre sobre atentados a bomba que ocorreram não apenas no Riocentro, mas em várias partes do país, inclusive no Ceará, durante o período de abertura política promovida pela extrema-direita. O autor destaca que esses grupos extremistas, majoritariamente compostos por civis, atuavam com a justificativa de que “em praticamente tudo existia a mão do comunismo, entendido de maneira ampla, vaga e imprecisa, e aplicável a situações e indivíduos que manifestassem posturas ou questionamentos à ordem vigente” (Farias, 2024, p. 31). Organizações como o Movimento Anticomunista (MAC), Comando de Caça aos Comunistas (CCC), Vanguarda de Caça aos Comunistas (VCC), Movimento de Renovação Nazista (MRN), e outros, atuavam em todo o país, e em Fortaleza não foi uma exceção.

No Ceará, o MAC foi um dos grupos atuantes. Segundo Farias (2024), esse grupo era “composto por civis, jovens universitários, de classe média, que não ocupavam cargos no aparato de informações e segurança do Estado, nem tinha espaços de poder na Ditadura” (Farias, 2024, p. 42). Ainda assim, isso não os impediu de realizar atos terroristas, incluindo o atentado ocorrido na Praça do Ferreira em 5 de novembro de 1980. Esse espaço significativo para manifestações populares, como comícios e marchas de protesto, conferindo ao ataque a esse local um caráter simbólico de expressão de insatisfação política e social.

Durante a gestão do prefeito José Walter Cavalcante (1967-1971), a praça passou por modificações estruturais, incluindo a inserção de blocos de concreto que comprometiam a visibilidade e dificultavam a formação de aglomerações de pessoas (Farias, 2024). Apesar dessas tentativas de controle e contenção, o local permaneceu sendo um ponto de encontro frequente para grupos homossexuais, especialmente à noite, quando se sentiam mais à vontade sob as luzes da cidade, em busca de relações afetivas e sociais.

Além disso, há de observar que a Praça do Ferreira, com o cair da noite, passava a ser ocupada por outros atores sociais, como aliás, acontecia em muitas áreas da porção central de fortalezense. A imprensa comumente



## XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024

FAEC/UECE - CRATEÚS

publicava matérias sobre o “abandono” e “decadência” do centro da cidade (SILVA, 2006, p. 86). O jornal Tribuna do Ceará, datado de uma semana após o ataque do MAC, trouxe matéria sobre problemas da praça, focando a atenção no consumo de tóxicos e na prostituição, fosse de mulheres ou de homossexuais, chamados de “anormais” – muitos deles, jovens (Farias, 2024, p. 174).

Assim, é possível destacar duas considerações. A primeira refere-se ao papel da imprensa, que deslegitimou os atos terroristas ocorridos na Praça do Ferreira, desviando a atenção para outros aspectos relacionados ao espaço, como a presença constante de grupos homossexuais e as condições insalubres do local. O segundo ponto concerne à tentativa de “saneamento” da praça, através da expulsão ou intimidação dos indivíduos que ali circulavam, ou seja, “só houve atentado porque a Praça do Ferreira era local de encontro homossexual. Se eles não frequentassem o logradouro, não teria acontecido o ato de violência” (Faria, 2024, p. 176).

Essas fontes jornalísticas despertaram nosso interesse em aprofundar a investigação, pois revelam elementos da sociedade de Fortaleza, tanto no âmbito da população civil quanto do poder político, que evidenciam uma aversão direcionada ao público homossexual e transsexual. Contudo, reconhecemos a necessidade de ampliar a análise, considerando jornais anteriores e posteriores ao recorte temporal inicialmente estabelecido, de modo a obter uma perspectiva mais abrangente, que contemple dinâmicas que culminaram nos eventos desse período.

A seleção, organização e análise de fontes constituem pilares fundamentais para o trabalho historiográfico, visto que são por meio delas que o historiador busca reviver o passado e explorar os testemunhos que ele pode revelar. Retomando o pensamento de Certeau (1982) sobre a operação historiográfica, concluímos que esse processo deve seguir etapas bem definidas: escolha do “lugar”, seguindo para o “processo de análise”, culminando na “construção de um texto” (Seawright, 2017).

No intuito de reforçar tal argumento, Luca (2008) afirma que, nas páginas periódicas, é possível identificar uma ampliação dos debates sobre identidade, modos de vida, vivências, práticas políticas e a circulação de diferentes grupos nos ciclos sociais. Para tanto, o historiador deve estar atento a aspectos como a organização das matérias, as



## XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024

FAEC/UECE - CRATEÚS

imagens e a forma como são reproduzidas, o autor do conteúdo, o espaço que ocupam nas páginas, entre outros elementos essenciais para a compreensão do contexto e dos diálogos nos quais essas produções jornalísticas se inserem.

Podemos então pensar, uma das principais vias nervosas da Ditadura foi o discurso em torno das ameaças externas, representadas pelo terror comunista, amplamente disseminado na televisão, rádio e jornais. Tal retórica se alinha à concepção de insegurança moderna descrita por Bauman (2009), marcada pelo medo do outro, do estrangeiro ou pela sensação de que o perigo está por toda parte. Portanto, pode-se afirmar que essa sensação de insegurança foi instrumentalizada para gerar medo social e, por meio dele, controlar e fiscalizar a população, restringindo direitos sociais e políticos.

Em outras palavras, havia uma industrialização do anticomunismo, ou seja, a sua exploração como negócio. Outra forma de uso oportunista, igualmente atual, é aproveitar o medo ao “vermelho” para combater todo tipo de movimento social que demanda direitos ou reformas. No decorrer da nossa história, a repressão anticomunista foi dirigida não apenas contra os comunistas propriamente, sempre minoritários, mas contra todos os movimentos progressistas (Motta, 2021, p. 23).

Ainda que os movimentos LGBTQIA+ atualmente estejam amplamente relacionadas às lutas das esquerdas pelas minorias, durante a Ditadura, os discursos eram divergentes. Trevisan (2018), em *Devassos no Paraíso*, argumenta que os debates sobre feminismo, racismo e sexualidades eram todos enquadrados como “lutas minoritárias” pela esquerda conservadora durante a abertura política, agrupando diferentes pautas sob o mesmo rótulo.

A esquerda conservadora, aqui, refere-se àquela que liderava o processo de abertura política e cujas argumentações estavam centradas em questões de luta de classes e trabalho, enquanto as pautas divergentes eram atribuídas às chamadas lutas minoritárias. “Portanto, do ponto de vista da esquerda ortodoxa, as chamadas ‘minorias’ apresentavam temas espinhosos. E para nós das ‘minorias’, a sensação era de estarmos presos num círculo de ferro, à direita e à esquerda” (TREVISAN, 2018, p. 316). Portanto, podemos classificar as lutas das minorias como uma terceira frente, “os outros”.



## XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024

FAEC/UECE - CRATEÚS

Porém, como argumenta Yi-Fu (2005), “esquecemos que o medo foi e é uma razão comum para tecer estreitos laços entre as pessoas” (p.181). Dessa necessidade inerente dos indivíduos de formar coletivos, surgem os espaços de convivência comum, ou espaços de sociabilidade entre aqueles que compartilham semelhanças. Assim, baseandonos nas fontes e referencias teóricas, afirmamos a existência desses espaços de encontro de grupos diversos, inclusive as sexualidades dissidentes, no mundo e em nosso território.

### Conclusão

Diante do exposto, conclui-se que o desenvolvimento urbano das cidades contribuiu significativamente para o surgimento de espaços de sociabilidade para grupos homossexuais. Tais espaços revelaram-se cruciais para o florescimento de novas formas de vivencia e expressão da diversidade sexual e identitária, especialmente no contexto de polarização política e repressão ditatorial. Ao mesmo tempo, esses locais tronaram-se também cenários de violência, medo e marginalização, refletindo a tensão entre resistência e repressão vivenciada por essas populações.

A presente pesquisa dedicou-se expor um panorama histórico de análise sobre gêneros e sexualidades, que desvelaram os espaços urbanos como vias por onde poderiam explorar suas subjetividades e, posteriormente, unir-se em grupos sólidos que lutaram e buscaram reconhecimento. Para isso, usamos autores que ajudam a compreender o recorte escolhido e visualizar como as macros relações influenciam os micros relações.



## XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024

FAEC/UECE - CRATEÚS

### Referências

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO - "Brasil: Nunca Mais". Petrópolis: Vozes, 1985.

ARRUDA, Roldão. **Dias de ira: uma história verídica de assassinatos autorizados**. São Paulo: Globo, 2001.

BARROS, José D'Assunção. **Fontes históricas: introdução aos seus usos historiográficos**. 1ª ed. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2009, pp. 13-51.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

FARIAS, José Airton de. **Explosões conservadoras: atentados de extrema-direita na distensão da ditadura civil-militar**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2024.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 1ª ed. São Paulo: Terra e Paz, 2014.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio de periódicos. In: PINKSY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Passados presentes: o golpe de 1964 e a Ditadura Militar**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

OLIVEIRA, Maria da Glória. **Os sons do silêncio: interpelações feministas decoloniais à história da historiografia**. História da Historiografia, Ouro Preto, MG, v. 11, n. 28, p. 104-140, 2018.

PEDRO, Joana Maria; VERAS, Elias Ferreira. Outras histórias de Clio: escrita da história e homossexualidades no Brasil. In: NETO, Miguel de Sousa; GOMES, Aguinaldo Rodrigues. **História e Teoria Queer** (orgs.). 1ª ed. Salvador-BA: Editora Devires, 2018.

QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTI+**: uma breve história do século XIX aos nossos dias. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

QUINALHA, Renan. **Contra a moral e os bons costumes: a ditadura e a repressão à comunidade LGBT**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

SANTOS, H. C., SANTOS, A. L. dos, & SILVA, J. G. da. (2021). **Gênero, sexualidade e conexões com a história global**: Protagonismos dos movimentos homossexuais do



## XIX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - CE

TERRA DE LUTAS, SEMENTE DE HISTÓRIAS!

02 A 05 DE JULHO DE 2024

FAEC/UECE - CRATEÚS

Brasil e da Alemanha Oriental. Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História, 72, 182–204. <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2021v72p182-204>

SANTOS, Milton. Técnica, espaço, tempo. **Globalização e Meio técnícocientífico-informacional**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013, pp. 15-56.

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SEAWRIGHT, Leandro A. **Teoria da História – a escrita, o lugar do morto e do assombro: diálogos com Michel de Certeau**. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 9, n. 21, p. 375 -401. maio/ago. 2017.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 4<sup>a</sup> ed, rev., atual., e amp. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VELOSO, Caetano. **Fora da Ordem**. Universal Music: 1991. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=eqMcE2lEFWg&ab\\_channel=CaetanoVeloso-Topic](https://www.youtube.com/watch?v=eqMcE2lEFWg&ab_channel=CaetanoVeloso-Topic). Acesso em 07 out. 2024.

VERAS, Elias Ferreira. **Travestis: carne, tinta e papel**. 2<sup>a</sup> ed. Curitiba: Appris, 2019.

WOLF, Sherry. **Sexualidade e socialismo**: história, política e teoria da libertação LGBT. Trad. Coletivo LGBT Comunista. São Paulo: Autonomia, 2021.

YI-FU, Tuan. **Paisagens do medo**. Trad. Lívia de Oliveira. São Paulo: Editora da UNESP, 2005, pp. 7-18; 333-345.